

RESENHAS

Menezes, Antônio Basílio N. Thomaz de (Org.). *Ética, bioética: diálogos interdisciplinares*. Natal: EDUFRN, 2006. 188 páginas.

Glenn W. Erickson *

Coletâneas estão na moda há algum tempo no Brasil porque podem render bastantes pontos nos vários sistemas de contabilizar a produtividade de pesquisa dos professores do terceiro grau. Na estratégia mais rentável, um grupo de colegas organiza um volume sobre uma temática unificada, com cada membro contribuindo com dois capítulos. A presente coletânea distingue-se da maioria por ter só um organizador. No caso, o organizador, que também contribuiu com um ensaio, é o novo chefe do Departamento de Filosofia na UFRN. Também diferentemente da norma, o organizador do volume não escreveu nem o Prefácio nem a Introdução, ao invés, um dos participantes, Cínara Leite Nahra, escreveu a Apresentação.

Outra característica do livro ainda mais rara é que o título do livro – *Ética, bioética: diálogos interdisciplinares* – é uma listagem dos títulos das três partes do livro, respectivamente, “Ética”, “Bioética”, e “Diálogos interdisciplinares”. A lista é honrada pela sua antiguidade; desde que não necessita uma gramática desenvolvida, a lista foi o primeiro gênero literário. Como alternativo, eu proporia uma pontuação obsoleta: *Ética: bioética; diálogos interdisciplinares*.

A primeira parte contém três ensaios e as outras duas, quatro cada uma. [Para a segunda e a terceira partes, a paginação do Sumário é duas páginas a mais que a paginação real dos ensaios, com exceção do último ensaio do livro]. A primeira parte contém

* Professor titular do Departamento de Filosofia da UFRN. *E-mail*: ericksons@ufrnet.br.

ensaios sobre utilitarismo, por Cláudio F. Costa, e sobre Michel Foucault, pelo organizador e por Guilherme Castelo Branco, ex-professor do Professor Menezes. A segunda parte tem contribuições sobre a meta-ética e a pedagogia da bioética, pela apresentadora e por Alice Happ Botler, e sobre questões da ética biomédica *hot* (pesquisa com fetos mortos e transgênicos) por Maria Marta Guerra Husseini e por Márcia Andrade (respectivamente). A terceira parte, correspondente ao subtítulo, incluindo ensaios sobre as antropologias tomista e contemporânea, pelo mestre Sérgio Eduardo Lima da Silva e por Liliane Brum Ribeiro, e sobre William Shakespeare e Nathaniel Hawthorne, por Sandra S. F. Erickson (em tradução) e pelo graduado Januário Cicco Wanderley Galvão.

Em suma, “Ética” é escrita por homens, “Bioética” por mulheres e “Diálogos interdisciplinares” por ambos em proporção igual.

O livro não identifica as afiliações ou qualificações acadêmicas dos contribuintes, itens pelos quais se mede uma coletânea. Junto com Costa e Nahra, consta como doutor em filosofia Castelo Branco. Além do organizador e da apresentadora, lecionam no DFIL da UFRN Costa e Silva.

Convêm notar que Professores Husseini, Nahra, Silva e Menezes cultivam o campo da bioética juntos há já vários anos.

Nos EUA, *biomedical ethics* (“ética biomédica”), nome talvez mais descritivo do campo que “bioética”, é uma importante área de pesquisa. Há jornais e conferências dedicadas a ela, para não mencionar (altamente remunerativas) cadeiras acadêmicas nas escolas de medicina para filósofos morais. Agora que comissões de ética para pesquisa que utiliza sujeitos humanos têm sido organizadas no país, e que comissões de ética em hospitais estão sendo cada vez mais profissionalizadas, há um futuro também para a bioética (e as humanidades médicas em geral).

Que o título é uma lista de itens aponta uma dificuldade de identificar a unidade temática na coletânea. Ela contém ensaios sobre ética enquanto tal e sobre um ramo da ética (a bioética) e, além disso, uns diálogos que envolvem aplicações da bioética às

disciplinas acadêmicas diversas (especificamente, a antropologia e a literatura comparada). [Todavia, em certa época a ética já foi chamada de antropologia]. Em verdade, a seleção de ensaios seria mais apropriada para o que originalmente estava planejada, a saber, um número temático da revista do nosso centro. Conforme a Apresentação, a novidade do volume é de “mostrar o quanto a reflexão sobre a ética e a bioética pode ser feita de uma forma pluralista...” (7). Apesar da natureza dispersa da coletânea, digo (como o velho pluralista estadunidense que sou) “Sim, vida ao pluralismo!”